

Artigos originais

Revista Kinesis, Santa Maria v.36, n.2, p. 11–21, maio- ago. 2018

Centro de Educação Física e Desportos - UFSM

DOI 10.5902/2316546428566

Data de submissão: 11-08-2017

Data de Aceite: 06-03-2018

*Revista Kinesis***REPENSAR O CORPO PARA ALCANÇAR O HOMO SPORTIVUS**RETHINK BODY CONCEPT TO ACHIVE HOMO SPORTIVUS
REPENSAR EL CUERPO PARA ALCANZAR EL HOMO ESPORTIVUS**Wagner Wey Moreira**

weymoreira@uol.com.br

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Luiza Lana Gonçalves

luizalana@hotmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Michele Viviane Carbinatto

mcarbinatto@usp.br

Universidade de São Paulo

Aline Dessupoio Chaves; Suziane Peixoto Santos-Naves

alinedessupoio@gmail.com; suziane.naves@uftm.edu.br

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Natalia Papacidero Magrin

natmagrin@hotmail.com

Faculdade Calafiori

Regina Simões

rovigatissimoes@uol.com.br

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

RESUMO

Com o objetivo de identificar o sentido de corpo dos professores/treinadores participantes dos Jogos Escolares de Minas Gerais – JEMG, foram entrevistados 44 sujeitos que responderam duas perguntas, analisadas via Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado. Os resultados mostraram a prevalência do paradigma cartesiano no entendimento do ser humano. Retomar questões básicas para promover o encontro do ser humano com a sociedade e a natureza é preciso para ampliar conceitos/atitudes, mudar a forma de ver o aluno/atleta, de perceber o contexto esportivo e, por sua vez, de atuar condizente com ética no esporte e a vivência da corporeidade.

Palavras-Chave: Esporte. Corpo. Corporeidade. Jogos.

ABSTRACT

The aim of this study is to identify the meaning of body in the discourse of sports coaches who participated in the School Championship of Minas Gerais. Coaches (44) were interviewed and the answers were analyzed by Technical Design and Analysis of Meaning Units, who demonstrated prevalence of cartesian paradigm as regards the understanding of the human being. We need to restore basic questions to promote the encounter between human beings, society and nature. We must broaden concepts to change the way the student/athlete have been seen to realize the sporting context, ethics in the sport and experience of corporeity.

Keywords: Sport; Body. Corporeity. Games.

RESUMEN

El objetivo y indentificar el sentido de cuerpo en el discurso de los profesores/treinadores de los Juegos Escolares de Minas Gerais – JEMG. Se escucharon 44 profesores/entrenadores las preguntas fueron analizadas por medio de la Técnica de Elaboración y Analisis de Unidades de Significado. Se percibió prevalencia del paradigma cartesiano con respecto a la comprensión del ser humano. Es necesario repasar cuestiones básicas para promover el encuentro del ser humano con la sociedad e la naturaleza, alargar conceptos para cambiar la manera de entender el alumno/atleta, de perceber el contexto deportivo, ética en el deporte y la vivencia de la corporeidade.

Palabras Clave: Deporte. Cuerpo. Corporeidad, Juegos

1 Introdução

Como área científica, a Educação Física se consolidou numa práxis dialética cultural, recebendo influência de diversos conceitos e de diferentes contextos para construir e firmar a prática profissional. O esporte, neste âmbito, foi o que mais influenciou a Educação Física até mesmo confundindo-se com ela em determinados momentos. Em suas múltiplas manifestações, ele apareceu, e ainda aparece, na constituição da área em forma de jogos e campeonatos, estando ou não no interior da escola.

A pesquisa de Arantes, Martins e Sarmiento (2012) sobre a história dos jogos escolares no Brasil em quatro períodos: 1969-1984, 1985-1989, 1990-2004 e 2005-2010, concluiu que apesar das particularidades de cada fase, todas tinham o objetivo de estimular a prática esportiva no interior das escolas e, exceto o segundo período, descobrir talentos esportivos neste setor.

A realização destas competições, hoje conhecidas como Jogos Escolares da Juventude organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro - COB em cenário nacional, foram criados os Jogos Escolares em nível estadual (ARANTES, MARTINS; SARMENTO, 2012), com o objetivo de aumentar a participação estudantil nos esportes, promover a integração social, bem como o exercício da cidadania, além de descobrir novos talentos no esporte (REGULAMENTO, 2014).

Os professores que atuam nestes jogos, treinando e levando suas equipes das diversas modalidades para participar são em geral também os docentes de Educação Física da escola e independente da atuação profissional, o corpo aluno é o foco da intervenção.

Dada a complexidade disto, é essencial (re)elaborar a prática pedagógica das aulas de Educação Física e em consequência disto a organização da lógica da competição esportiva escolar no Brasil, atrelada à visão de esporte e de corporeidade, se o desejo é contribuir com o projeto/processo educacional na escola e fora dela.

Para isso, defendemos dois pontos essenciais: revisitar a concepção de corpo como corporeidade e formar professores/técnicos que compreendam a noção de esporte como um fenômeno polimorfo e polissêmico e trabalhe em busca da formação de um Homo Sportivus (BENTO, 2009) na escola. Nos caminhos desta defesa já conhecemos as muitas interpretações acerca do corpo que foram construídas pela sociedade ocidental, não apenas associadas à Educação Física. Assmann (1995) já se inquietava com esta questão indagando quantos corpos já tivemos ao longo da história humana e diz que as ideologias sempre conseguem inventar um corpo humano adequado para o cumprimento das ordens necessárias. Há o corpo jardim fechado, aquele que é sacralizado, o qual vive em função do desenvolvimento do espírito. O corpo ajustável ao que se necessita, dotado de plasticidade, corpo que já há algum tempo presta-se ao serviço, sendo força de trabalho.

É inquestionável que a área da Educação Física aportou-se na concepção newtoniana-cartesiana de corpo, vendo-o como conjunto de engrenagens e de ensino, considerando-o como forma de adestramento físico em relação à organização e seleção dos conteúdos da área. Transmitidos de forma autoritária, técnica e mecanizada, intentaram padronizar e disciplinar hábitos, valores e comportamentos humanos para que a lógica capitalista continuasse a prevalecer e formar cidadãos submissos, mantenedores da ordem e, portanto, apoiando os poderes hegemônicos (MARINHO, 1980; CAGIGAL, 1996; SOARES, 2001).

Por algum tempo, a inspiração positivista aplicada às ciências do esporte tornou “As características propriamente humanas do movimento do corpo-liberdade, responsabilidade, diferença, criatividade, auto expressão, esforço, propósito, ação, significado - aparentemente irrelevantes e negligenciados” (BARREIRA, 2007, p. 5). Indicar com precisão o quanto de força era preciso para se conseguir impulso para um salto e identificar os músculos que participavam de cada ação do movimento passou a ser o sinônimo de um bom profissional da área (SOARES, 2001).

Tal porcentagem aponta para falas que consideram o corpo, principalmente, como a parte física e estrutural do ser humano, como ficou explícito na fala dos sujeitos S04, S17, S25 e S33: “É a massa que você tem massa muscular. Estrutura que a pessoa tem para se desenvolver” (S04); “A matéria ou a estrutura física do indivíduo. É a parte palpável que vai executar ações” (S17); “corpo é só matéria” (S25); “é tudo que ocupa um espaço” (S33).

Para 27% dos sujeitos o corpo é tido como máquina, e como tal deve estar em perfeito estado para que seu funcionamento seja completo, impecável e produtivo. “Instrumento que deve ser usado corretamente. Não ter deficiência que possa atrapalhar o desempenho” (S16). “Conjunto de peças que precisam ser trabalhadas no dia a dia. Trabalhado dos pés a cabeça” (S03).”Máquina perfeita. Ponto alto da Educação Física. Tem que ser trabalhado para a saúde e a qualidade de vida” (S02).

Em terceiro lugar, 23% dos sujeitos consideraram o corpo como um objeto. Sendo um objeto, ele é manipulável, trabalhado, moldado e visto como um instrumento. Assim, o próprio discurso do sujeito 16, já citado anteriormente, nos mostra que, além de ser máquina, ele o considera também como um objeto, o que mostra uma concepção convergente com o que ele pensa sobre o corpo, já que as definições e denominações de corpo máquina e corpo objeto, assim como de corpo matéria, confluem para as mesmas ideias de corpo.

Olhando para o quadro 1 percebemos que um número significativo de sujeitos centraliza seus discursos para uma ou mais dessas denominações, ou seja, nota-se nas falas de alguns entrevistados (04, 08, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 36 e 40), que o corpo é visto como máquina, sendo uma tendência considerá-lo também objeto ou matéria e vice-versa.

Com 16% de incidência temos aqueles que consideram o corpo como movimento ou como uma totalidade do ser humano, sendo necessário, nesse caso maior clareza de que movimento e de que totalidade se fala. Indagamo-nos se esse movimento é reflexo de um corpo sujeito ou de um corpo objeto. O S10, por exemplo, diz simplesmente que “corpo é movimento”. O que isso significa? O que se percebe em outras respostas é que a ideia de movimento está muito ligada com ter habilidades, destrezas e agilidade, como nas falas de S14 e S42, respectivamente: “É ter agilidade, saúde, habilidade e destreza” (S14).”Conjunto de movimentos que necessitamos para fazer alguma habilidade ou função, para as necessidades do dia a dia no esporte ou no trabalho” (S42).

Chama a atenção também a resposta do S44 ao considerar o corpo e movimento como objetivo da profissão: “Importante por ser meu meio de trabalho. Trabalho o movimento e as expressões (dança, ginástica) do corpo como professor de Educação Física. Objetivo da profissão”.

No que diz respeito ao termo totalidade, esse foi o quesito em que houve mais contradições nos discursos. Ao dizer inicialmente que o corpo era tudo, completo ou uma totalidade, não houve um avanço sobre o que essas denominações significavam. Os discursos aproximaram-se mais de um paradoxo, pois ao dizer que era tudo não estavam dizendo nada, como se observa na resposta do S26: “Corpo é tudo”.

Em outras vezes dizia-se que era tudo, mas a fala seguinte tornava o ser humano dicotomizado, visto em partes: “É o ser humano por completo, mente, espírito e físico” (S05). “É tudo o que a gente tem, material humano inteiro: tronco, membros e cabeça” (S33).”É a forma externa que a gente tem junto com a interna: pensamento, sentimento, emoção” (S32).

Será que tudo do ser humano se resume a tronco, membros e cabeça? Dizer que somos nossa parte externa e interna reflete nossa totalidade? Assim como dizer que somos mente e físico? Nos chama também a atenção duas respostas que tratam do corpo como se fosse uma morada. “É a sua casa” (S23). “A casa que Deus deu para morar. Temos que cuidar dele para sobreviver” (S29).

Pela pesquisa se percebe que essa morada é habitada por um corpo-objeto e o corpo-sujeito fica fora desse convívio familiar. Há ainda os que consideram o corpo como sinônimo de saúde, numa ideia de que para um corpo perfeito basta ele ser saudável: “Máquina perfeita. Ponto alto da Educação Física.

Tem que ser trabalhado para a saúde e a qualidade de vida” (S2). “Corpo é totalidade com todas suas habilidades e com saúde” (S28).

Nas outras US, temos relatos pontuais que consideraram o corpo como sendo racional, também remetendo a ideia de um corpo reducionista (S06) e o S39 que considera o corpo como reflexo de um bem-estar, de harmonia e de uma consciência corporal: “cabeça porque é o cérebro que comanda meu corpo” (S06).”É aquele no qual você se sente bem. Viver bem com ele, ter consciência corporal” (S39).

A resposta do S40 foi o que, individualmente, nos chamou a atenção, pela sua abrangência na resposta. Tal discurso foi o que apresentou mais concepções do que seja o corpo, pois ele considera o corpo tanto uma máquina, quanto matéria, consciência, morada e movimento: “Máquina mais perfeita que existe. Morada da alma, conjunto de músculos, tecidos, órgãos, que transforma consciência em movimento” (S40).

Para a segunda pergunta “Como deve ser trabalhado o corpo de seu atleta?” (quadro 2) foram levantadas 10 US das quais as mais encontradas foram as que designam o corpo como objeto, como uma máquina de resultado. Isso corrobora com as respostas da primeira pergunta, em que o corpo foi considerado como uma matéria, um objeto ou uma máquina.

Quadro 2: US das respostas da pergunta geradora 2 (Como deve ser trabalhado o corpo de seu atleta?)

UNIDADES DE SIGNIFICADO	SUJEITOS																																												TOTAL				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44					
Corpo objeto/máquina/ resultado	X				X	X	X		X	X	X		X	X					X	X					X						X		X		X	X	X	X		X							19	43%	
Cuidado	X	X	X													X	X									X		X						X	X	X				X		X						12	27%
Corpo todo (dividido em partes)					X			X											X			X	X	X		X	X	X		X	X	X				X											8	18%	
Respeitando limites											X						X				X			X			X		X							X					X							8	18%
Desenvolvimento de habilidades						X						X								X			X															X					X					4	9%
Proporcionando experiências																					X					X															X							3	7%
Objetivando a formação humana																																									X							1	2%
Buscando autoconhecimento												X																																				1	2%
Treinamento superficial																											X																					1	2%

Como se observa no quadro 2, 43% dos entrevistados destacou em suas falas termos que relacionam o tratamento do corpo do atleta a um instrumento para obter o resultado desejado. Respostas como: “Corpo vai ser seu material de trabalho” (S37).”muitos exercícios para perder peso e para que renda ao máximo fisicamente” (S15).

A US que apresenta a segunda maior prevalência nas respostas demonstra que houve algum avanço, pois apesar de ainda trabalhar o corpo do atleta como uma máquina para resultados, 27% dos entrevistados preocupa-se em não depreciar o corpo do aluno. Suas falas exprimem, em primeiro lugar, o cuidado com o atleta: “Tem que ser bem trabalhado, pois posso ajudar ou prejudicar”(S01).”Trabalhar de forma lenta, com cuidado para não propiciar lesões” (S39).

A fragmentação do corpo pode ser observada no discurso de 18% dos entrevistados. Assim como aconteceu no quadro 1, em relação à totalidade, estes entendem que é necessário trabalhar os diversos aspectos do corpo atleta/aluno, porém, ao explanarem esse todo o fazem de forma fragmentada, dividida: “Por inteiro: espiritual, físico e ta bom, chega” (S05).”Como um todo, físico, psicológico e psicossocial” (S09).

Com mesmo percentual da unidade anterior, aparecem também, nos discursos dos entrevistados, oito respostas que nos remetem à presença de respeito aos limites dos atletas/alunos. Dentre esses fica perceptível que o resultado é indiferente e o mais importante é trabalhar de acordo com a habilidade de cada um, respeitando seus limites.

Constatamos que 9% dos entrevistados acreditam que o desenvolvimento de habilidades é a forma de trabalhar o corpo de seus alunos/atletas. Ainda que apenas 7% desses professores/técnicos exprimissem em suas falas a preocupação em propiciar aos atletas/alunos a vivência de experiências

esportivas.

Os sujeitos 03, 14 e 28 (7,5%) destacaram que corpo relaciona-se à saúde e, ao analisarmos as respostas à segunda pergunta, notamos que, inclusive, a concepção de saúde está enraizada em paradigma reducionista, pois a forma de trabalho para se alcançar a saúde é através de treinamento superficial (S28). Já no que se relaciona às preocupações com a formação humana ou a busca pelo autoconhecimento o índice atingiu 2%.

Das respostas contidas nas duas perguntas nos chamam a atenção o discurso do sujeito 24, primeiramente pela resposta na primeira pergunta. Nela a sua fala nos leva a crer que o seu entendimento de corpo se aproxima do nosso estudo sobre corporeidade, pois ele considera que o corpo “É pelo qual o indivíduo vive. É onde o ser humano vive”. No entanto, na resposta da segunda pergunta, percebemos uma divergência, pois ao falar de como deve ser trabalhado o corpo do seu atleta, o professor/técnico nos responde que deve ser “Trabalhado como um todo. Trabalhar suas capacidades físicas, motoras e maior número de habilidades”. Nessa fala ele já traz uma visão reducionista do corpo e da própria área de conhecimento, tratando-os apenas como parte física e motora.

Um dos entrevistados admite ainda que o trabalho com o corpo deva ser feito de forma superficial por se tratar de um treinamento em âmbito escolar, referindo-se a um trabalho que não seja uma exploração extenuante do corpo, neste caso visto somente como físico (S28).

4 Discussão

O Corpo Objeto – A Máquina Perfeita

Ao definir o mundo e tudo o que nele há como máquina, inclusive o corpo, Descartes apontou como deveria ser a visão, em educação e em ciência, a nortear o trato corpóreo. Mais ainda, quando associou corpo e relógio, definiu os caminhos das ciências que deveriam cuidar desse corpo, como por exemplo, a Medicina e a própria Educação Física. Como máquina, relógio não pensa e não sente, devendo apenas funcionar e ser consertado (CAPRA, 1982; MORIN, 2000; NOVAES, 2003).

Essa concepção foi fortemente disseminada em nosso meio o que pode ser constatado nas respostas dos participantes que veem o corpo como uma máquina e que acreditam que ele deve ser trabalhado desta forma, visto como um corpo objeto que serve para a expressão de resultados esperados.

Procura-se assim desenvolver diversos recursos para obter mais alto nível de excelência, no entanto, ao buscar a perfeição do corpo por este caminho, chega-se exatamente ao polo oposto, pois se a perfeição é o esquecimento de alguns fenômenos, o corpo de hoje em dia é absolutamente imperfeito uma vez que se tornou o centro de controvérsias e passível de todas as experiências possíveis. Ele é máquina ruidosa a qual deve ser reparada a cada movimento. Máquina defeituosa a ser aperfeiçoada pela ciência (NOVAES, 2003).

Talvez isto ocorra, entre outros motivos, porque a ciência manipula as coisas recusando-se a habitá-las, como já nos informava Merleau-Ponty (1999). A não incorporação leva-nos a olhar o corpo de fora, como mais uma coisa a ser analisada, independente da paixão humana, constitutiva importante da corporeidade. Daí o aluno, o paciente, o esportista, o funcionário, o trabalhador, todos são coisas e como tal podem ser tratados desapaixonadamente. Assim como demonstrado com a superioridade (34%) da US “matéria” ao longo da primeira pergunta da entrevista.

O corpo máquina, despojado de sensibilidade, cria a cultura de corpos indiferentes. Moreira (1995) já alertava para a necessidade da transformação dos valores da Educação Física Escolar no sentido de mudar a rota dessa disciplina curricular, em que: o corpo objeto pudesse ceder lugar ao corpo sujeito; o ato mecânico no trabalho corporal possibilitasse a consciência do movimento; a busca frenética de rendimento pudesse se transformar em prática prazerosa e lúdica; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas atividades esportivas da Educação Física permitisse uma participação com grande número de seres humanos festejando e se comunicando através do esporte; e, finalmente, que o ritmo padronizado e unísono da prática da atividade física cedesse lugar ao respeito ao ritmo próprio

executado pelos participantes de jogos, modalidades esportivas, lutas, ginásticas e danças.

Le Breton (2003) lembra-nos que os anatomistas, antes mesmo de Descartes e da fisiologia mecanicista, fundam o dualismo que é central até hoje: de um lado o homem, de outro o seu corpo. Daí a razão da medicina tratar mais a doença do corpo que o ser humano em sua singularidade. Educação Física, nesta trilha, também destinou esforços e pesquisas em conhecer melhor o corpo atleta e, com menor intensidade, o ser humano que pratica esporte.

O Corpo Sujeito – A Corporeidade

As reflexões sobre os termos corporeidade e movimento ganharam uma dimensão mais significativa com os trabalhos de Merleau-Ponty (1999, p. 159), em especial quando o autor associa consciência, corpo, mundo e vivência: “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” e “[...] todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência de movimento”.

Moreira et al. (2006) afirmam que o conceito de corporeidade implica em vida, em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo. Corporeidade, que é vida, busca ver os seres que se mostram, pois estes estão escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim.

Corporeidade é a libertação do ser humano de um corpo meramente inculto, inábil, medonho, grotesco e bruto, procurando tornar-se belo, ágil, ético, espiritual, passando de um sentido de corpo biológico e motor para um corpo cultural, portador de sentidos e símbolos.

Parece que estamos num momento de possibilidades outras para o entendimento de um corpo em movimento, no qual podemos compreender essa dinâmica não mais partindo exclusivamente do movimento, mas sim, do ser humano que se movimenta, o que se difere do discurso de 16% (quadro 1) dos sujeitos entrevistados. Produzir conhecimento neste novo enfoque pode propiciar a criação de uma teoria da corporeidade, a qual redefiniria o trato com o corpo, em especial em áreas como o Esporte, a Educação e a Educação Física.

Uma teoria da corporeidade pode significar o estabelecimento da arte da mediação entre o sensível e o inteligível, a partir do corpo em movimento em sua existencialidade na busca de superações. Estaria aqui uma possibilidade para a reformulação de conceitos hegemônicos presentes nos discursos desses professores/técnicos e em geral na área da Educação Física? Poderia essa teoria redefinir a produção de conhecimento dessas áreas no que diz respeito aos valores éticos e estéticos no trabalho junto ao corpo do aluno/atleta para que ele não fosse mais considerado um objeto a ser moldado?

A corporeidade interpretada e descrita neste texto também deve fazer parte do universo esportivo, o qual, por muito tempo, tem instrumentalizado o corpo para distintas finalidades, as quais podem também ser alteradas dependendo de nossa passagem do conceito de corpo para corporeidade.

A corporeidade do aluno/atleta que participa de competições esportivas escolares deve ser envolvida por uma aprendizagem e prática esportiva que seja significativa, pertinente, provocante, qualidades estas que farão não apenas jogar melhor, mas, o que é mais importante, viver melhor, consciente das virtudes e dos problemas inerentes ao esporte, mas, buscando a superação para, através dessa - corporeidade, galgar a cidadania. Ou seja, a competição esportiva escolar pode contribuir com a formação de um Homo Sportivus, aquele que busca a transcendência por meio do esporte.

Mas parece que nunca conseguimos ver é que no esporte, quanto mais se ergue o corpo, mais se procura a transcendência, mais se corporificam sonhos e ideais. Será que nós, profissionais da Educação Física/Esporte, temos lançado olhares para o fenômeno esportivo com esta intencionalidade? Não estaria no momento de alterarmos o único sentido de sacrificar o esporte em nome de mazelas que nele existem que são oriundas dos valores sociais vigentes? Estaremos treinando nossos alunos nas escolas para serem mais, para vivenciarem a transcendência e não apenas produzirem melhor rendimento?

Corporeidade: Aluno/Atleta vivente!

O esporte, voltado para a totalidade humana deve atentar-se para uma ação através do corpo, entendido não somente em seu aspecto físico, mas também como construção social, cultural e político.

A aprendizagem mecânica de movimentos relacionados aos exercícios físicos, descontextualizada de uma experiência através das percepções e incorporação de gestos não enriquece o corpo do praticante, afinal “[...] aprendemos um movimento ou adquirimos um hábito motor quando o corpo o incorporou a seu ‘mundo’, e realizar um movimento corporal é visar às coisas do mundo por meio do corpo, sem o intermédio de nenhuma representação” (GONÇALVES, 2001, p. 67).

A técnica esportiva, cuja conotação até então se interligava ao tecnicismo, não passa a ser negada, mas vista como fundamento necessário para alcançar um determinado resultado que vai além do seu “formato” rígido, refletindo sobre o ‘quê-fazer’ desconfiando de seus velhos vícios cientificistas, coisas estas que os tem relegado à posição de ‘técnicos’ de um corpo que não conhecem na devida profundidade” (RÉGIS DE MORAIS, 2011, p. 86).

Neste sentido, a técnica não se volta para a lógica do rendimento, de uma gestualidade extremamente codificada, mas, vai além da eficiência mecânica, pois atende ao simbólico e as características do seu contexto sociocultural (MAUSS, 1973; FREIRE, 2005; BENTO, 2006).

Ao redefinirmos a percepção de corpo, redefinimos também a de técnica. Não tratamos de uma técnica amarrada às codificações esportivas, mas uma técnica que possibilite gestos e identifique o esporte que se propõe a ensinar e seus inúmeros elementos (BENTO, 2006).

A linguagem da ação no esporte não é a linguagem do simples movimento, mas visualiza a formação de todo o ser humano (STELTER, 2000), interpreta e manifesta a história do passado.

Ao inter-relacionar o conceito de corpo e de ensino, evidenciado na atuação do profissional da área de Educação Física/Esporte, de forma holística e complexa (CAPRA, 2001; MORIN, 2000), o processo educativo para ensinar o esporte não se volta a departamentos estanques e reduzida em função do aspecto lógico, mas inclui a sensibilidade expressa na motricidade (NÓBREGA, 2000).

Assim, o ato de correr, dançar, jogar não seriam atos puramente anatômicos e mecânicos, mas estariam vivenciando o mundo que, por sua vez, codificou essa corrida, essa dança e esse jogo. Ou seja, a repetição de movimentos “[...] não contribuem para a reflexão sobre os signos sociais inscritos no corpo, para a identificação dos valores da cultura dominante e para a possibilidade de sua superação” (NÓBREGA, 2000, p. 71).

Ensinar o esporte que vise o bem-estar do indivíduo e sua formação ativa ao longo da vida, implica em dialogar o conhecimento de forma a despertar o desejo, o prazer e o amor em aprender em que se respeitem as vontades, desejos e curiosidades próprios de cada aluno. Ora, se eu vejo meu aluno/atleta enquanto máquina, aquela premissa fica comprometida. Mas se o vejo enquanto ser de histórias, contrastes e individualidades, posso perceber que “[...] cada um recolhe, trata e memoriza as informações que lhe chegam de forma diferente, o que força a multiplicação daquilo que podemos chamar de estratégias educativas” (TROVÃO DO ROSÁRIO, 1999, p. 53).

Ao trilhar essas reflexões, nos deparamos com o paradigma da corporeidade como orientador para que as realidades biológicas, psicológicas e culturais sejam totalmente relacionadas na atuação em esporte. Afinal, o corpo passa a carregar consigo os seus medos, seus anseios e seus sentidos tornam-se a porta de entrada para a consciência perceptiva do corpo em relação com o mundo, o revelando a cada instante (VENÂNCIO, 1998; MERLEAU-PONTY, 1999).

O movimento do ser humano deve comunicar-se com a sua corporeidade de forma indissociável e permitir que dualismos impostos sobre o corpo sejam superados, e que a compreensão do ser humano em movimento (objeto de estudos da Educação Física), seja feita num olhar complexo.

5 Considerações Finais

Em nossa pesquisa descobrimos que a maior parte dos professores/técnicos entrevistados ainda percebe o corpo como máquina ou objeto a ser manipulado, treinado e adestrado. O que propomos a partir disto é que este paradigma do corpo cartesiano seja superado dando lugar outro que diz respeito ao trabalho de formação do Homo Sportivus por meio do conceito/atitude de corporeidade.

Para que novos paradigmas sejam aceitos pelas ciências em geral e para que as mesmas discurssem convergindo a um ideal de transformação social e preservação humana, temos que ir além da discussão sobre sua prática, ou sobre seu objeto de estudo; temos que transcender alguns conceitos como o de corpo, de ser humano, de natureza, para que argumentando numa mesma linguagem de nossa essência possamos entender e trabalhar, mais eficazmente para atingir o Homo Sportivus de cada aluno.

Mais que nos atermos aos resultados da pesquisa, o presente trabalho demonstra pontos contraditórios que podem nos propiciar a oportunidade de traçarmos trilhas na direção de vivência e da atitude de ser corporeidade. Se por um lado há a prevalência do trato com o corpo-objeto, por outro, vemos alguns pontos que podem ser explorados no sentido de caminharmos em direção ao corpo-sujeito. Para isso é necessário abriremos espaços para o estudo e a reflexão de teorias contemporâneas que dão ênfase ao sentido e significado de corporeidade.

Uma teoria da corporeidade pode colaborar para o redimensionamento da Educação Física/Esporte, no sentido de proporcionar nova compreensão do ser humano, em especial, na sua realidade existencial corpórea, incluindo a linguagem sensível, a capacidade de percepção e a emergência do movimento (NÓBREGA, 2000).

Acreditamos que este artigo pode suscitar discussões no âmbito da formação/ação dos profissionais para atuar com o esporte e políticas públicas que entendem que, por exemplo, não basta gostar de um esporte para se tornar um professor. Não basta ter sido um atleta para se tornar um treinador. É preciso mais. É preciso promover, dentro de si, o encontro verdadeiro entre ser humano, sociedade e natureza, desafiar-se na complexidade do conhecimento. É preciso ampliar conceitos para mudar a forma de ver o aluno/atleta, de perceber o contexto esportivo e, por sua vez, de atuar condizente com as multi características envolvidas no esporte.

Referências

ARANTES, A.; MARTINS, F.; SARMENTO, P. Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. **Motricidade**, v. 8, n. 52, p. 916-924, 2012.

ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Unimep, 1995.

BARREIRA, C. R. A. A fenomenologia como ciência das dimensões existenciais da atividade física: uma abordagem e psicologia do esporte. XIV Encontro Nacional da ABRAPSO : **Anais...** 2007. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab-completo_299.pdf

BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus; 2006, p. 155-182.

_____. Do Homo Sportivus: Relação entre natureza e cultura. In: MOREIRA, W. W.; SIMOES, R. (Orgs.). **Educação Física e produção de conhecimento**. Belém: Edufpa, 2009, p. 11-35.

CAGIGAL, J. M. **Obras selectas**, Volumes I, II e III. Comitê Olímpico Español e Asociación Española de Deportes para Todos: Cadiz, 1996.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

_____ **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

FREIRE, J. B. Dimensões do corpo e da alma. In: DANTAS, E. H. M. **Pensando o corpo e movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 131-146.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LE BRETON, D. Adeus ao corpo. In: NOVAES A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das letras; 2003. p. 123-137.

MARINHO, I. P. **História geral da Educação Física**. São Paulo: Cia Brasil, 1980.

MAUSS, M. The techniques of the body. **Economy and Society**, v. 2, n. 1, p. 70-88, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, W.W. **Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas: Ed. Unicamp; 1995.

MOREIRA, W. W.; et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender a viver. In: MOREIRA, W. W. **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papyrus, 2006, p. 137-154.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal: EDUFRRN, 2000.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

PARLEBÁS, P. **Contribution a un lexique commenté en science de l'action motrice**. Paris: INSEP, 1981.

RÉGIS DE MORAIS, J. F. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**, 17 ed. Campinas: Papyrus, 2011, p. 71-90.

REGULAMENTO Geral dos Jogos Escolares de Minas Gerais. **Jogos escolares de Minas Gerais: regulamento geral 2014**. Belo Horizonte: FEEMG, 2014.

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições FMH; 1996.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

STELTER, R.. The transformation of body experience into language. **Journal of Phenomenological Psychology**, v.31, n.1, p. 63-77, 2000.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a Educação.** In: SÉRGIO, M. et al. O sentido e a acção. Instituto Piaget, 1999, p. 31-60.

VENÂNCIO, S. Corporeidade e suas dimensões ontológicas In **Anais** do I Congresso Latino Americano e II Congresso Brasileiro de Educação Motora, Foz do Iguaçu, 09 a 13 de outubro de 1998.